INSTITUTO LUTERANO DE ENSINO SUPERIOR DE ITUMBIARA - GOIÁS
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JHENIFFER SILVA CARVALHO

LUTO MATERNO

Itumbiara
2021

JHENIFFER SILVA CARVALHO

LUTO MATERNO

Projeto de Pesquisa apresentado ao 10° período do Curso de Bacharelado em Psicologia do Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara, com a finalidade de nota parcial em todas as disciplinas.

Professor (a): Fausto Rocha Fernandes.

Itumbiara
2021

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 03
2. REFERENCIAL TEÓRICO..... 05
2.1 Luto materno e seus aspectos 05
2.2 Luto materno e seus enfrentamentos 06
2.3 Apoio psicológico no processo de luto materno 07
3. METODOLOGIA 08
4. ANÁLISE E DSICUSSÃO..... 09
4.1 Experiências do luto materno..... 10
5. CONSIDERÇÕES FINAIS..... 15
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

É esperado que todos nós em algum momento da vida entremos em contato com a morte de um ente querido, essa experiência faz parte vida e nos lembra da finitude da nossa própria existência e da impotência perante o inevitável. A morte por si só é uma experiência impactante que acarreta mudanças comportamentais, físicas, afetivas, sociais e cognitivas no indivíduo, tais mudanças devem ser elaboradas e ressignificadas através do processo de luto (MAZORRA, 2009).

O luto é inevitável no processo da elaboração de uma perda, todos os indivíduos tendem a passar por esse processo quando perdem um ente querido. Perdas repentinas demanda um maior grau de dificuldade para aceitação do ocorrido, assim podendo haver uma interferência incapacitaria do indivíduo de elaborar esta perda, levando-o a um funcionamento disfuncional em resposta à recente perda (BASSO, 2011).

As perdas acarretam prejuízos as pessoas que as vivenciam, afetando – as e seu dia a dia, em contrapartida deve ser levado em conta como ocorreu o óbito, o grau de parentesco, os vínculos afetivos presentes. É importante salientar que o luto tido como normal é considerado uma resposta saudável de um fator estressante, que neste caso é a perda de um filho, a resposta saudável é a capacidade do sujeito em expressar sua dor, que podem apresentar – se na forma de reconhecimento ou ainda estabelecendo novos vínculos afetivos. Quando não há recursos suficientes para a elaboração do luto saudável, pode levar o indivíduo ao luto complicado, onde há manifestações de sintomas físicos e mentais (BASSO, 2011).

Mães que perderam seus filhos repentinamente, tem tendência a se sentirem mais entorpecidas, chorosos e ter mais saudades do filho que se foi, um exemplo é a perda por acidentes automobilismo, que proporciona maior risco de depressão, culpa, raiva e consequentemente um agravamento na saúde, além de lembranças dolorosas do filho falecido, já filhos que veio a falecer de alguma doença conhecida previamente, seria como houvesse uma preparação antecipatória, dessa forma o luto aconteceria de maneira mais branda. Assim, pode-se considerar que a morte inesperada e repentina é mais complicada para elaboração do processo de luto saudável, gerando vários problemas psicológicos à mãe enlutada (BASSO, 2011).

Por tanto, faz-se necessário a interrogativa: Como o apoio psicológico pode amenizar o processo de luto materno?

Apresentando como objetivo geral desse presente estudo, compreender os benefícios das intervenções psicológicas em processos de luto materno.

Dessa forma, o estudo tem o propósito de: 1- descrever as etapas do luto; 2- identificar como o luto é vivenciado pela mãe; 3- Analisar como o apoio psicológico pode contribuir para amenizar o sofrimento do luto materno.

Sendo assim, justifica-se o estudo academicamente, visando a importância desse tema, e a produção de novos estudos científicos acerca do luto materno. Tendo em vista que um dos papéis da psicologia no processo de luto materno é a identificação disfuncional dos pais que perderam seus filhos, cabe a ela mesma o auxílio aos pais e familiares para se apropriar da situação, para que assim possa haver assimilação do ocorrido e posteriormente aceitação (MUZA, 2013).

O estudo se faz necessário socialmente, tendo em vista a necessidade de se conversar sobre a temática, conhecendo as fases que o indivíduo passa perante um luto, especificamente sobre o luto desadaptativo e suas consequências sociais, mentais e biológicas.

Como justificativa pessoal, posso enfatizar a necessidade de uma maior discussão acerca da temática, levando a conhecimento de profissionais da área da saúde que o processo é muitas vezes lento, e que haverá mães que necessitarão de um acompanhamento psicológico para passar por um processo tão doloroso como a perda de um filho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Luto materno e seus aspectos

O luto é o processo de ruptura de vínculo afetivo, suas dimensões são proporcionais ao grau de parentesco e ao apego à pessoa que se foi. Neste processo o indivíduo enlutado enfrenta uma série de mudanças em seu contexto familiar e social (BRAZ, 2017).

Perda precoce de um filho pode gerar prejuízos comportamentais, cognitivos, aumentando os danos aos vínculos afetivos e gerando sofrimentos mentais, assim modificando sua vida familiar, levando à mãe enlutada um sofrimento psíquico (LOPES, 2017).

A morte deve ser entendida como um processo único, o luto consequentemente é vivenciado de maneira particular para cada indivíduo. Nesse período de luto o indivíduo tende a buscar a elaboração e ressignificação da relação que vivenciava com o ente querido que se foi (LOPES, 2017).

O processo do luto possui cinco fases, que podem ou não ser conclusas para quem está vivenciando. Na primeira fase, a mãe evita a realidade, não vivenciando o fato ocorrido, acreditando que tudo não passou de um sofrido pesadelo. Consequentemente, sente raiva, se questionando o motivo, o porquê do ocorrido, caracterizando assim a segunda fase; a fase da barganha, a mãe em luto tenta negociar com Deus, pedindo seu filho de volta; na quarta fase, inicia a depressão, onde a mãe percebe o vazio e vivenciam uma tristeza profunda; a quinta e última fase, inicia-se a aceitação do ocorrido, com muita dificuldade e sofrimento começam a enfrentar a realidade do dia a dia (LOPES, 2017).

A perda de um filho é vista por seus pais como uma retirada precoce, ultrapassando muitas vezes a compreensão do fato. A família que se encontra nesse contexto busca a reconstrução familiar diante de uma nova e dolorosa realidade, cujo, a visão de futuro e expectativas são danificadas (BITTENCOURT, 2011).

A perda de um ente querido no âmbito familiar, pode influenciar diretamente o funcionamento da família, pois o sistema familiar de integração das relações é modificado drasticamente, obrigando seus integrantes a se reorganizarem de forma repentina. As características de cada família podem influenciar diretamente o processo do luto (DALALIBERA, 2014).

A morte de um filho acarreta o enfrentamento de grandes dificuldades, suas reações diante da perda são diversas e a busca de mecanismos para a reconstrução de um novo contexto fazem parte do processo, assim como, a aceitação da realidade e vivenciar a dor, podem ajudar os pais no processamento da nova dinâmica familiar (ANDRADE, 2017).

É necessário que os pais possam recriar uma nova realidade, onde o filho que se foi não estará inserido diretamente, deixando as expectativas criadas entorno daquele filho, a vivencia da perda de um filho é complexa, continuo, muitas vezes rompendo com o equilíbrio familiar e comprometendo a qualidade do convívio entre os enlutados (ANDRADE, 2017).

2.2 Luto materno e seus enfrentamentos

A morte levanta questões acerca da vida e dos objetivos dos seres humanos existirem, vivenciar situações que nos aproximam da morte ou do sentimento de perda, como por exemplo doenças, violência, acidentes entre outros, repercutem em nosso sistema afetivo, emocional e cognitivo, proporcionando um processo de ajustamento e adaptação no processo de aprender e processar as mudanças ocorridas (HAAS, 2011).

O enfrentamento e adaptação das situações ao longo da vida são processos constantes do desenvolvimento humano, porém, com eventos intensos e complexo como a morte, pode haver uma conformidade mais lenta e difícil, podendo acarretar o desenvolvimento de transtornos mentais relacionados ao ajustamento e à adaptação (ALMEIDA, 2011).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais – DSM, apresenta o luto como sendo uma reação à perda de um ente querido, com sua duração e forma de expressão variável conforme o grupo social que o indivíduo esteja inserido, não representando um transtorno mental. Porém, alguns indivíduos podem apresentar sintomas do Transtorno Depressivo Maior e Reação, Estresse Grave e Transtorno de Ajustamento (ALMEIDA, 2011).

Para HAAS, 2011, não há dor nem sofrimento maior ou mais profundo, do que o sentido por uma mãe que perdeu seu filho. Essa perda é extrema, afeta laços e vínculos familiares e sociais, provocando rupturas e profundas marcas em suas famílias. O impacto sofrido por esta mãe dependerá de como ela vivenciou e elaborou as perdas que sofreu durante sua vida.

Há uma complexidade maior no processo de luto enfrentado por uma mãe que perdeu seu filho por morte súbita, acidente ou violência, nesses casos o processo se torna excessivamente doloroso, exigindo um maior tempo para a aceitação do ocorrido, sendo um

tempo maior do que o esperado nos critérios de diagnóstico do luto normal e esperado (ALMEIDA, 2011).

2.3 Apoio psicológico no processo de luto materno

Para Souza (2007), o apoio psicológico a mães enlutadas, busca a medição e acompanhamento desde o início da perda, ou ainda, em casos em que o filho se encontra com uma doença terminal a autora enfatiza a necessidade de acompanhamento psicológico com a mãe e outros familiares antes que ocorra o óbito.

A perda de um filho gera reações, muitas vezes causa revolta ou desnorteamento nos pais, nesse caso dentro do ambiente hospitalar, os psicólogos devem ser colocados a disposição dos pais e familiares, os profissionais devem acolher essas famílias, escutando seus sentimentos perante a perda e a dor extrema que se iniciou (SOUZA, 2007).

No contexto hospitalar, o psicólogo deve acompanhar os pais e familiares ao necrotério do hospital, para que possam permanecer com o filho falecido, neste momento inicia as fases iniciais do luto, e a observação do comportamento dos pais pelo psicólogo é necessário para uma avaliação e intervenção mais completa se necessário (SOUZA, 2007).

O acompanhamento psicológico aos pais, permite ao psicólogo identificar o melhor momento para intervir, da melhor forma possível, respeitando as características emocionais do pai e da mãe, ajudando assim no processo de luto (SOUZA, 2007).

OLIVEIRA (2008), destaca a importância de avaliar qual tipo de ajuda faz-se necessária no processo de luto, sendo importante respeitar os rituais que podem variar entre culturas e religiões, assim manifestando diferentes comportamentos perante a perda.

Segundo OLIVEIRA (2008), no luto normal o psicólogo somente deve intervir se for a vontade do enlutado, quando o mesmo sente se incapaz de passar pelas fases do luto sozinho. Já no luto patológico o enlutado deve iniciar o processo de psicoterapia, para melhor elaboração de sua perda.

3. METODOLOGIA

Para o presente estudo será realizado uma pesquisa do tipo bibliográfica de cunho qualitativo.

GIL (2008), destaca que a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de materiais já existentes, como livros, artigos e teses científicas. Sendo sua principal vantagem, um grande número de estudos relacionados a diversos temas.

Segundo, Lakatos e Marconi (2003), pesquisa bibliográfica envolve todo material já produzido e publicado referente ao tema, podendo este ser divulgado em livros, artigos científicos, revistas, jornais ou em meios de comunicação orais, tais como: gravações, rádio entre outros. Seu objetivo é proporcionar ao pesquisador um contato direto com todo material já produzido acerca do tema estudado.

O estudo será de cunho qualitativo, que segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa responde questões particulares, ou seja, se atenta as ciências sociais, a tal ponto que não consegue se quantificar, sendo assim, busca trabalhar no âmbito dos significados.

Será realizado uma revisão da literatura acerca da temática desenvolvida. Segundo Moreira (2004), a revisão de literatura, busca a analise das produções bibliográficas existentes de certa temática do conhecimento cientifico, buscando um recorte de tempo, evidenciando uma visão geral do objeto de estudo.

A pesquisa por materiais será por meio de bases de dados eletrônicos, sendo elas Bvs (Biblioteca Virtual em Saúde), PsycINFO, Scielo (Biblioteca Cientifica Eletrônica em Linha), Pepsic (Periodicos Eletronicos em Psicologia), CAPES. As palavras chaves utilizadas serão: Luto; Luto Materno; Maternidade; Luto Complicado; Luto Saudável. Ao mesmo tempo serão utilizados descritores padronizados pelo Descritores em Ciências da Saúde, sendo eles: Luto; Morte; Família; Psicoterapia.

Como critérios de seleção de materiais bibliográficos determinou-se artigos científicos, teses e dissertações, publicadas nos últimos 10 anos que discorrem sobre a temática do presente estudo.

Será realizado uma analise qualitativa dos dados obtidos nas pesquisas, que serão lidos e revisados de forma detalhada, afim de esclarecer os questionamentos levantados na problemática e objetivos do presente estudo.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Em uma perspectiva existencial, o luto materno pode ser compreendido como sendo o fenômeno que emerge do rompimento de uma relação única, partilhada entre uma mãe e um filho, com a supressão abrupta da corporeidade desse filho. Com a sua morte, o mundo partilhado entre os dois deixa de ser possível em seu modo usual. Assim, a mãe enlutada nasce para um mundo de impossibilidades. O outro, que antes era com ela parte de uma mesma intercorporeidade, agora se apresenta na ausência, que se sente no presente, na rotina, na recordação de hábitos do filho, nas datas marcantes e comemorativas (Freitas & Michel, 2015).

O rompimento abrupto da relação mãe-filho decorrente de óbito causa uma desestruturação generalizada na figura materna e paterna, na qual ambos têm dificuldades de assimilar esse luto, pois culturalmente é esperado que os filhos velassem os pais, como uma ordem cronológica dos fatos pré-estabelecidos.

No entanto, quando o contrário ocorre, há uma comoção exacerbada, uma grande dificuldade de compreensão do que está acontecendo e uma incógnita se instala: como será a vida daqui por diante? Para a mãe este sentimento é ainda mais complexo, pois carrega em si a sensação de que o filho é parte dela e consequentemente sua morte representaria a perda de um fragmento do seu corpo.

"O luto é definido como crise porque ocorre um desequilíbrio entre a quantidade de ajustamento necessária de uma única vez e os recursos imediatamente disponíveis para lidar com ele" (BROMBERG, 1998, p. 398).

Segundo uma interpretação de cunho fenomenológico, o luto é vivenciado como a morte de um modo de relação entre o morto e o enlutado, decorrente da ruptura da intercorporeidade (Freitas, 2013).

Como não é passível de resolução, essa vivência é assumida como uma nova condição existencial: "Do ponto de vista fenomenológico-existencial não há resolução ou substituição possível, como defende a psicologia clássica, mas possibilidades de reconfiguração de um campo de coexistência, do mundo vivido, a partir dessa ausência-presente do outro, do 'tu' em 'mim'" (Freitas, 2013, p.104).

O luto materno lança essa mãe em um mundo de impossibilidades. O filho falecido, que antes era com ela parte de uma mesma intercorporeidade, passa a ser uma

presença-ausente em sua rotina e sua memória. Em situações de perdas significativas como essa, frequentemente se recorre à um psicólogo clínico, dando-se inicio a um processo psicoterápico.

Alarcão, Carvalho e Pelloso (2008) realizaram um estudo fenomenológico procurando compreender a vivência de luto pela morte de um filho jovem em circunstância violenta. O apego às lembranças e à memória carregada por elas em relação aos seus filhos também faz parte dessa vivência. Essas lembranças e memórias são revividas intensamente, não importando o tempo que se passou desde a morte deles. O desejo de justiça, as reações de dor e de sofrimento intenso também se apresentam no luto de mães de filhos jovens assassinados.

Silva e Melo (2013) realizaram uma pesquisa fenomenológica, configurada como estudo de caso, sobre a experiência materna de perda de um filho com câncer. O adoecimento e a morte dela ressignificou alguns aspectos da vida da participante da pesquisa. De acordo com as autoras, esses eventos reafirmaram a centralidade da maternidade em sua vida, com a transferência dos cuidados que oferecia para sua filha doente para os seus outros filhos (que anteriormente ela não tinha disponibilidade para cuidar). Ao mesmo tempo, novos sentidos foram desvelados a partir dessa vivência do adoecimento e da morte da filha, tais como a valorização da vida e o redimensionamento das dificuldades.

o luto materno é uma experiência múltipla e complexa e que se constitui como uma vivência que agrega os seguintes elementos: golpe ao receber a notícia, perda do sentido do mundo-da-vida, revolta, desespero, negação, dor, impotência, vontade de morrer, quebra do tabu da mortalidade, culpa, oscilações de humor/instabilidade emocional, fragmentação dos laços afetivos, perda de um modo de existir, idealização do filho morto, transcendência, engajamento em projetos que tenham relação com o filho, perpetuação da memória do filho, estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto, e relações significativas.

4.1 Experiências do Luto Materno:

Golpe ao receber a notícia - A primeira situação experimentada pelas mães após a morte de um filho é o golpe ao receber a notícia do falecimento. Ao saber que o filho morreu, as mães se sentem anestesiadas, “em choque”. Este choque permite que elas cumpram protocolos sociais, como o velório e o enterro de forma “automática”, ao mesmo tempo em que vivenciam internamente o sentimento de desespero pela perda do filho. (Michel, 2017)

Perda do sentido do mundo-da-vida -A literatura aponta que a morte de um filho provoca o rompimento com os sentidos do mundo-da-vida, levando as mães a se questionarem sobre como a vida deve ser vivida e seus valores. (Silva e Melo, 2013)

Silva e Melo (2013) atentam para o fato da morte paralisar a vida dessas mães, iniciando "um processo de reflexão, de busca e de construção de sentidos" (p. 154).

Revolta - A revolta é comumente direcionada a Deus ou à vida e vem acompanhada pelo sentimento de injustiça e traição. Nos casos de morte violenta ou repentina, o ódio e o desejo de vingança também podem estar presentes na experiência dessas mães. (Michel, 2017)

Desespero - Um dos elementos constituintes do luto materno é o sentimento de desespero, este sentimento pode fazer com que as mães sintam um esvaziamento da vontade de viver. "Expresso por meio de choro, gritos, murros e autoagressões, tais como bater a cabeça na parede" (Freitas & Michel, 2015, p. 32).

Negação - Lopes e Pinheiro (2013) defendem que esta é uma maneira delas se protegerem da difícil realidade que se impõe com a morte de um filho. A negação também é frequentemente vivenciada por mães.

No estudo de caso realizado pelas autoras, a mãe implorava para desenterrar seu filho e levá-lo para casa: "O filho, que em sua concepção ainda vivia, deveria estar com frio, com fome e sentindo a falta da mãe" (Lopes & Pinheiro, 2013, p. 367).

Dor - A literatura fenomenológica apresenta a dor como sendo uma das características presentes no luto materno (Brice, 1991, *apud* Michel, 2017). Lopes e Pinheiro (2013) também relatam em seu estudo de caso a experiência de uma mãe que "transbordava dor" (p.366) pela morte de seu filho natimorto, enquanto Silva e Sales (2012) atentam para o aspecto extraordinário da dor vivida por mães que perdem seus filhos. A dor sentida por mães enlutadas é algo comum a todas elas, independente da causa da morte, e é relatado como um sentimento de longa duração, podendo acompanhá-las até o fim de suas vidas (Silva & Melo, 2013).

Impotência - O sentimento de impotência é outra característica identificada no luto materno. Esse sentimento se apresenta no relato das mães quando estas percebem que não

existem meios para evitar a morte de seus filhos ou fazê-los viver novamente, não importando se possuem recursos financeiros, poder ou conhecimento. Este sentimento é descrito pelas mães como “inconformismo” diante da perda do filho e da impossibilidade de reverter esta situação. (Michel, 2017)

Vontade de morrer - A morte se apresenta como um meio para se interromper a dor sentida pela morte do filho ou ainda, como uma maneira de se unir a ele. Após a perda de um filho, a morte surge como uma possibilidade mais real e mais próxima para as mães enlutadas. É comum que elas pensem ou tenham pensado em algum momento em se matar. (Gerrish; Neimeyer; Bailey, 2014, *apud* Michel, 2017)

Quebra do tabu da mortalidade - A perda de um ente querido retira a morte de seu caráter impessoal, tornando-a uma possibilidade que se concretiza dentro da própria existência do enlutado. Oishi (2014) aborda que no caso do luto materno, especialmente quando se perde um filho jovem, o estranhamento costuma ser maior, pois impera também uma crença de que existe uma lei natural que rege a vida segundo a qual, os mais velhos deveriam morrer primeiro. também destaca o estranhamento vivido por mães quando a morte acontece na infância, algo percebido por elas como ilógico. (Oishi, 2014)

Culpa - A culpa é um dos elementos frequentemente presentes na vivência do luto materno. É comum que as mães se sintam culpadas por acreditarem que poderiam ter feito algo para evitar a morte de seus filhos ou por não terem percebido alguma situação que envolvia os filhos e que poderia ter evitado o falecimento. (Michel, 2017)

Oscilações de humor/instabilidade emocional -As mães vivenciam oscilações de humor após perderem seus filhos. Essa instabilidade emocional é tida por elas como algo inevitável. Elas são descritas como “altos” e “baixos”, ou períodos de “melhoras” e “pioras”. A ideia de “recaída” também está presente no discurso dessas mães, sendo utilizada para descrever momentos em que o sofrimento pela perda fica mais evidente devido a algum acontecimento externo ou interno. As oscilações acontecem, por exemplo, quando se lembram do filho falecido ou quando ocorrem datas especiais, como Natal, aniversário e dia das mães. (Oishi, 2014)

Fragmentação dos laços afetivos - Esta fragmentação é relatada como ruptura e afastamento por parte de amigos e familiares e vivida como solidão, abandono e os sentimentos de inadequação e de deslocamento social. (Silva & Melo, 2013)

Perda de um modo de existir - A morte de um filho é vivenciada pelas mães como a perda de uma parte delas mesmas, sendo sentido por elas como uma mudança de "identidade" (sic). A singularidade do modo como se era na relação com o outro e que se perde com a morte deste é também ressaltada por mães em diferentes estudos. Elas afirmam que seus filhos eram únicos e insubstituíveis. Ainda que tenham outros filhos, as mães enlutadas não deixam de experienciar a perda de um modo de existir quando um deles morre, pois na relação que estabelece com cada um de seus filhos existem aspectos que são particulares daquela relação (Lopes & Pinheiro, 2013; Oishi, 2014)

Idealização do filho morto - A idealização do filho morto é um dos elementos que fazem parte da vivência do luto materno. As mães enlutadas retratam seus filhos falecidos como bênçãos, anjos, intercessores divinos ou presentes de Deus. Elas procuram deixar claro que esta não é uma percepção apenas delas, mas de todos que conheceram seus filhos. A idealização se torna marcante quando se realiza a comparação entre os filhos vivos e o filho que morreu. Os filhos vivos, por mais que sejam elogiados, não se equiparam àquele que faleceu, devido à forma idealizada pela qual a mãe enlutada o percebe. (Michel, 2017)

Transcendência - A transcendência é um elemento importante na vivência do luto materno. Além de fornecer amparo e suporte para as mães enlutadas lidarem com a dor da perda, ela é um meio pelo qual estas mesmas mães conseguem encontrar sentido ou explicação para a morte, o que contribui para sua aceitação. É frequente a crença de que após morrerem, os filhos permanecem vivos em outro plano, um mundo melhor, junto de Deus e que um dia elas poderão reencontrá-los (Alarcão et al., 2008; Paula, 2010).

Engajamento em projetos que tenham relação com o filho - O engajamento em um projeto relacionado ao filho é algo significativo na vivência do luto materno. Por meio desse engajamento, as mães enlutadas passam a configurar novos laços sociais e conseguem ressignificar o lugar dos filhos em suas vidas. Essa ressignificação pode ocorrer de diferentes formas, sendo de cunho particular, bastando existir alguma relação entre o projeto em que a mãe se envolve e o filho que morreu. (Michel, 2017)

Perpetuação da memória do filho - O desejo das mães enlutadas de perpetuar a memória de seus filhos é mais um dos elementos que constituem a vivência do luto materno. Existe a tentativa por parte das mães que seus filhos sejam lembrados, por elas mesmas e pelos outros, ressaltando seus aspectos positivos e suas realizações. Destaca-se ainda o receio que elas sentem de esquecer trejeitos, atitudes e aspectos físicos de seus filhos, o que procuram preservar por meio de relatos, ou a partir de fotos e objetos. (Michel, 2017)

Estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto - Após a morte dos filhos, algumas relações podem assumir um significado especial na vida das mães enlutadas. São relações com pessoas que estão de algum modo associadas ao filho que morreu, seja por terem tido um papel especial em sua vida, seja por possuírem alguma semelhança física ou de comportamento, ou ainda, por possuírem algum grau de parentesco com ele. Isso ocorre frequentemente quando o filho falecido deixa filhos. (Michel, 2017)

Relações significativas - A experiência de estabelecer relações significativas que ajudam a amenizar o sofrimento também é relatada por mães que perderem seus filhos. Dentre as pessoas que as mães enlutadas costumam citar como sendo importantes neste momento estão familiares, amigos e profissionais da saúde (psicólogos e psiquiatras) (Gerrish et al., 2014; Oishi, 2014; Silva & Melo, 2013).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O luto é particular a cada mãe, apesar de ser intenso, não vai ser toda mãe que vai responder da mesma forma à perda de um filho, vai depender de muitos outros fatores, como a idade do filho ou a forma como aconteceu. Mas é certo que a superação passa, e muito, pelo reconhecimento da dor. A dor da perda deveria e deve ser abordada e compartilhada por todos, crianças, pais, mães, e ao mesmo tempo deveria assegurar amparo e segurança efetiva para a sociedade, principalmente para mãe que é o foco deste estudo.

Pode-se perceber que o luto das mães ainda é pouco abordado, logo a vivência de luto merece ser mais estudada. A experiência da mãe em processo de luto deve ser respeitada de tal forma que esta possa agir diante da perda do filho contemplando as próprias limitações e necessidades, independentemente das cobranças e exigências sociais que possam sobrevir a elas.

Por fim é preciso salientar que o acompanhamento terapêutico é de suma importância, pois é necessário que a mãe tenha um lugar onde possa expor sua dor, sua raiva, seu medo e sua culpa, pois não se trata de simples catarse, mas sim poder simbolizar e dar um outro lugar ao seu filho. Assim os atendimentos psicoterápicos poderão auxiliar na exteriorização da dor e consequentemente, na elaboração do luto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Ana Carolina Jacinto; CARVALHO, Maria Dalva de Barros; PELLOSO, Sandra Marisa. A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.16, n.3, Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692008000300002

ALMEIDA, Edilene Joceli; SANTOS, Seille Garcia; HAAS, Ernani Irajá. Padrões especiais de luto em mães que perderam filhos por morte súbita. **Revista de Psicologia da IMED**. v.3, n.2, p.607 – 616, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v3n2p607-616

ANDRADE, Marcela Lança.; MISHIMA-GOSMES, Fernanda Kimie Tavares.; BARBIERI, Valéria. Recriando a vida: o luto das mães e a experiência materna. **Revista de Psicologia:** Teoria e Pratica, v.19, n.1, São Paulo, jan./abr., 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872017000100002

BASSO, Lissia Ana; Wainer, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da terapia cognitivo comportamental. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. p.35-43, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007

BITTENCOURT, Ana Luiza Portela.; QUINTANA, Alberto Manuel.; VELHO, Maria Teresa Aquino de Campos. A perda de um filho: luto e doação de órgãos. **Estudos de Psicologia**. v.28, n.4, out/dez. 2011. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000400004

BRAZ, Mariana Sarkis.; FRANCO, Maria Helena Pereira. Profissionais paliativistas e suas contribuições na prevenção de luto complicado. **Psicologia:** ciência e profissão. n.1, p. 90-105, v.37, jan/mar. 2017.Disponivel em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000100090&script=sci_abstract&tlng=pt

DELALIBERA, Mayara.; *et.al.* A dinâmica familiar no processo de luto: revisão sistemática da literatura. Cienc. **Saúde Coletiva**. v.20, n.4, Rio de Janeiro, abril, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015000401119&script=sci_arttext&tlng=pt

FREITAS, Joannelise Lucas. Luto e fenomenologia: Uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.19 n.1 Goiânia, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a13.pdf

FREITAS, Joannelise Lucas; MICHEL, Luís Henrique Freitas. A vivência do luto materno: um olhar fenomenológico-existencial. In FREITAS, JoanneLiese Lucas; CREMASCO, Maria Virginia Filomena (Orgs.), Mães em luto: a dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas. Curitiba, **Paraná:** Juruá, 2015.

LOPES, Beatriz Gonçalves.; *et.al*. **Luto materno:** dor e enfrentamento da perda de um bebê. Revista Rene, v.18, n.3, Maio/jun. 2017.

LOPES, **Cléa Maria Ballão**; PINHEIRO, **Nadja Nara Barbosa**. Notas sobre algumas implicações psíquicas da desconstrução da maternidade no processo de luto: um caso de nascimento-morte. **Estilos Clínicos**, v.18, n.2, São Paulo, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v18n2/v18n2a10.pdf

MAZORRA, Luciana. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15837/1/Luciana%20Mazorra.pdf

MUZA, Julia Costa; *et.al*. Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. **Psicologia Teoria e Prática**. v. 15, n. 3, São Paulo p. 34-48. 2013.Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n3/03.pdf

MOREIRA, Walter. **Revisão de literatura e desenvolvimento cientifico:** conceitos e estratégias para confecção. Brasil: Editora Janus, n.1. 2004. Disponível em: https://portais.ufg.br/up/19/o/Revis__o_de_Literatura_e_desenvolvimento_cient__fico.pdf

MICHEL, Luis Henrique Fuck. **A vivência de psicoterapia de mães enlutadas.** Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47461/R%20-%20D%20-%20LUIS%20HENRIQUE%20FUCK%20MICHEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y

OISHI, Karen Lie. O jardim de Julia: a vivência de uma mãe durante o luto. **Psicologia:** Teoria e Pesquisa, v.30, n.1, São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n1/02.pdf

SILVA, Patrícia Karla de Souza; MELO, Symone Fernanda. Experiência materna de perda de um filho com câncer infantil: um estudo fenomenológico. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.19, n.2, Goiânia, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n2/v19n2a02.pdf